



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

Análise qualitativa e exploratória sobre os mitos da violação e estereótipos de género associados aos consumos sociais de álcool e de outras substâncias psicoativas, num grupo de jovens adultos/as (18-24 anos)

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Ana Rita Gonçalves Antunes Lopes

Porto, março 2025



Análise qualitativa e exploratória sobre os mitos da violação e estereótipos de género associados aos consumos sociais de álcool e de outras substâncias psicoativas, num grupo de jovens adultos/as (18-24 anos)

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Ana Rita Gonçalves Antunes Lopes

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Cristiana Vale Pires

Porto, março 2025

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos que me apoiaram ao longo deste percurso. Em primeiro lugar, agradeço à Professora Cristiana Vale, cuja orientação e sabedoria foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também aos meus colegas e amigos, que me proporcionaram momentos de reflexão e crescimento, contribuindo para a concretização deste projeto, em particular à Sofia por me acompanhar em todo o meu percurso acadêmico, por me dar sempre o apoio e abraço amigo quando é preciso, por me fazer rir e me distrair dos meus receios.

Quero fazer um agradecimento especial às minhas amigas Luísa, à Ana Luísa e à Haley, pelo apoio incondicional, pelas conversas enriquecedoras e pela amizade que tornam os momentos difíceis mais leves e os bons ainda mais especiais.

À minha amiga Bruna, que trabalha comigo e sempre teve uma palavra de incentivo, muito obrigada por seres uma fonte constante de motivação e positividade.

E, claro, à minha família, em especial à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, por todo o amor, paciência e apoio que sempre me deram. Sem vocês, nada disto seria possível. O vosso apoio incondicional tem sido o alicerce que me sustenta e me impulsiona a alcançar os meus objetivos.

A todos vocês, o meu sincero obrigado.

Abstract

Sexual victimization in nightlife environments and festive contexts is an increasing concern, perpetuated by gender asymmetries and hegemonic norms that normalize abusive behaviors and sustain unequal power relations. This research aimed to explore young people's perceptions of the role of these substances in the dynamics of sexual victimization, with a particular focus on alcohol and other substances, as well as the gender cultural norms that shape behaviors and attitudes in these settings. The study adopted a qualitative approach, using focus groups with young people to explore their perceptions and experiences. The results revealed that both women and men perceive alcohol as a facilitating factor for victimization, amplifying the vulnerability of victims and the aggressiveness of perpetrators. The women who participated in this study reported adopting more protective strategies and "sexual vigilance" to prevent sexual violence, highlighting the social expectations that hold them responsible for their own safety. Men, on the other hand, while acknowledging substance use in nighttime leisure environments, tend to downplay the impacts of sexual violence, especially in cases without visible physical harm. The study also highlighted the normalization of alcohol consumption and drink spiking as factors that increase exposure to risk. This study reinforces the need to implement more inclusive awareness campaigns and prevention strategies that challenge gender stereotypes, promote explicit consent, and hold perpetrators accountable. The research suggests that it is essential to implement clear public policies, continuous education, and more effective protection measures in nighttime leisure environments to reduce the incidence of sexual violence and create safer and more equitable spaces for everyone.

Keywords: Sexual victimization, Psychoactive substances, Alcohol, Gender stereotypes, Prevention, Consent, Nightlife environments.

Resumo

A violência sexual em ambientes de lazer noturno (ALN) e em contextos festivos é uma preocupação crescente, sendo perpetuada por assimetrias de gênero e normas hegemônicas que naturalizam comportamentos abusivos e perpetuam relações desiguais de poder. Esta investigação teve como objetivo explorar as percepções de jovens sobre o papel dessas substâncias na dinâmica de vitimização sexual, com um foco particular no álcool e outras substâncias, bem como nas normas culturais de gênero que moldam comportamentos e atitudes nesses ambientes. O estudo adotou uma abordagem qualitativa, utilizando grupos de discussão com jovens para explorar as suas percepções e experiências. Os resultados revelaram que tanto mulheres quanto homens percebem o álcool como um fator facilitador da vitimização, que amplifica a vulnerabilidade das vítimas e a agressividade dos agressores. As mulheres que participaram neste estudo reportaram adotar mais estratégias de proteção e “vigilância sexual” para prevenir a violência sexual, evidenciando as expectativas sociais que as responsabilizam pela sua própria segurança. Já os homens, embora reconhecendo o uso de substâncias em ALN, tendem a minimizar os impactos da violência sexual, especialmente em casos sem danos físicos visíveis. O estudo também evidenciou a normalização do consumo de álcool e a adulteração de bebidas como fatores que agravam a exposição ao risco. Este estudo reforça a necessidade de se implementarem campanhas de sensibilização mais inclusivas e estratégias de prevenção que desafiem os estereótipos de gênero, promovam o consentimento explícito e responsabilizem os agressores. A pesquisa sugere que é essencial a implementação de políticas públicas claras, educação contínua e medidas de proteção mais eficazes em ALN para reduzir a incidência de violência sexual e criar espaços mais seguros e equitativos para todos.

Palavras-chave: Violência sexual, Substâncias Psicoativas, Álcool, Estereótipos de gênero, Prevenção, Consentimento, Ambientes de Lazer Noturno.

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento teórico.....	4
Método.....	10
Fundamentação do Método e Objetivos do Estudo	10
Método de Recolha de Dados e Procedimentos.....	10
Amostra e Instrumentos de Recolha de Dados	11
Apresentação e discussão dos resultados.....	13
Resultados	14
1.Mitos de drogas para a violação.	14
2. Motivações para o consumo de substâncias como álcool ou outras drogas em ALN.....	17
3. Mulheres, álcool e disponibilidade sexual percebida.....	20
4.Socialização para a prevenção da droga da violação em ALN	24
Discussão	26
Conclusão	29
Referências Bibliográficas.....	31

Índice de Anexos

Anexo A	39
Caracterização demográfica dos grupos de discussão e Descrição Do Sistema de Categorias.....	39

Índice de Siglas

SPA – Substâncias Psicoativas

ALN – Ambientes de Lazer Noturno

Introdução

O género é abordado como uma construção biopsicossociocultural que interage, mas é distinta das categorias biológicas que definem o masculino (homem) e o feminino (mulher). Tradicionalmente, o género tem sido definido em função de uma categorização binária (homem ou mulher) que reflete as normas sociais dominantes atribuídas a cada grupo em relação às suas identidades, funções e relações sociais (Hurtig & Pichevin, 1986; Manandhar et al., 2018; Mead, 1949; Oakley, 1972; Schmidt et al., 2018). Esses papéis e representações biológicas e sociais variam ao longo do tempo, classe social e cultura, mas são historicamente baseados em diferentes atribuições de poder, apresentando uma hierarquia social favorável aos homens.

De acordo com o texto da **Convenção do Conselho da Europa sobre a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e à Violência Doméstica** (Convenção de Istambul), a violência contra as mulheres é definida como *“uma violação dos direitos humanos e uma forma de discriminação contra as mulheres, incluindo todos os atos de violência de género que resultem ou possam resultar em danos ou sofrimentos de natureza física, sexual, psicológica ou económica para as mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade, seja na vida pública ou privada.”* (Conselho da Europa, 2011, p.3). A violência de género é um problema social prevalente que afeta de forma desproporcional as mulheres e raparigas em todo o mundo, causando danos físicos, emocionais e psicológicos e violando os seus direitos humanos (Souza & Fonseca, 2021). A violência de género está profundamente enraizada em normas sociais e crenças sobre papéis de género e dinâmicas de poder, que perpetuam o tratamento desigual e a discriminação de mulheres e outros grupos marginalizados (Silva & Araújo, 2019). Jovens, especialmente aqueles/as que frequentam ambientes de lazer noturno (ALN), que são espaços de lazer e entretenimento noturnos como bares e discotecas, são particularmente vulneráveis a formas específicas de violência de género, pois alguns desses contextos tendem a reforçar normas e comportamentos de género prejudiciais, incluindo o assédio e a agressão sexual (Almeida & Quintela, 2022).

A violação é um fenómeno enquadrado na violência de género e de acordo com a **Convenção de Istambul**, é definida como uma forma de violência dirigida contra uma pessoa devido ao seu género ou que afete de forma desproporcionada pessoas de um género específico, sendo considerada uma violação dos direitos humanos e uma forma de discriminação. Esta violência inclui todos os atos que resultem ou possam resultar em

danos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, bem como ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade, ocorrendo tanto na esfera pública como na privada (Conselho da Europa, 2011).

Em Portugal, em 2022, foram registados 1752 crimes sexuais, dos quais 201 de violação contra pessoas adultas e 390 de abuso sexual de crianças (APAV, 2022). No entanto, é importante ressaltar que as estatísticas oficiais podem subestimar o número real de casos de violação, uma vez que muitos casos não são reportados às autoridades. Estudos indicam que a maioria das vítimas de violação não denuncia o crime às autoridades por medo, vergonha ou falta de confiança no sistema de justiça (Bohner, 2005; Gavey, 2005).

De acordo com dados do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), publicado pelo Governo de Portugal em 2022, as mulheres são as principais vítimas de violação, sendo que os homens constituem a maioria dos agressores. Esses dados refletem uma tendência mundial, em que as mulheres são desproporcionalmente afetadas pela violência sexual e outras formas de violência baseada no género (Governo de Portugal, 2022). Estes dados também mostram que a maioria das vítimas de violação ou tentativa de violação registadas pela Polícia de Segurança Pública (PSP) tinham entre 21 e 30 anos de idade.

Estudos internacionais apontam que a faixa etária de jovens adultos/as entre 18 e 25 anos pode ser particularmente vulnerável à violência sexual, uma vez que muito/as estão em situações de transição, como a sair de casa da família e a ingressar na vida universitária ou no mercado de trabalho, e podem ter maior exposição a riscos e a situações de violência (Paludo & Schiró, 2013). Os ALN são contextos onde os jovens estão expostos/as a situações de risco, muitas vezes agravadas ou facilitadas pelo consumo de substâncias psicoativas (SPA).

Os ALN em Portugal são locais em que se valoriza a quebra de rotinas, das exigências formais e quotidianas, bem como a experimentação (Pires et al., 2022; Carvalho, 2016). São espaços de entretenimento e lazer que funcionam durante a noite, tais como bares, discotecas e restaurantes. Oferecem opções de diversão, como música, dança e concertos ao vivo, normalmente localizados em áreas urbanas e onde o consumo de álcool e/ou de outras SPA é frequente (Mendonça, 2019; Carvalho, 2016).

A crescente oferta de ALN traz consigo uma série de problemas sociais significativos (Kavanaugh, 2013). Entre esses problemas são destacados: (1) as barreiras impostas pelas empresas do setor em relação à raça e à classe social ;(2) a normalização

da desigualdade de gênero e o assédio frequente sofrido pelas mulheres nesses ambientes; e (3) a falta de inclusão da vida noturna nas comunidades urbanas locais (Grazian, 2009).

Sendo “a noite”, um espaço-tempo tradicionalmente frequentado por homens e onde a participação feminina tende a ser vista como algo atrativo, continua a ser um espaço ao serviço das experiências hedonistas masculinas (Duarte, 2018; Pires et al., 2022). Nos ALN, são reproduzidas continuamente as normas hegemónicas de masculinidade e feminilidade, com uma alarmante desigualdade entre os géneros, principalmente tendo em conta o risco de as mulheres viverem agressões sexuais de maior ou menor gravidade nestes contextos (Noctambul@s, 2016).

O consumo de SPA, especialmente o álcool, ocupa um papel central nas experiências de lazer noturno (Noctambul@s, 2016). Essencialmente por ser uma substância legal e culturalmente integrada, o álcool surge mais facilmente no discurso social moldado por um cenário de normalização, comercialização e acessibilidade.

Em ALN, as mulheres enfrentam a tarefa acrescida de conciliar a participação nas culturas noturnas de consumo de álcool com o cumprimento dos papéis de gênero e dos atributos de feminilidade que lhes são impostos, como recato, autocontrolo, passividade e subordinação. Em caso de violência sexual nestes contextos, a narrativa dominante adere a discursos de culpabilização da vítima pelos comportamentos abusivos aos quais é exposta, como o assédio sexual, os abusos ou as agressões sexuais (Pires et al., 2018). Por esse motivo, durante os seus consumos de álcool, os homens vivem o excesso de forma livre enquanto as mulheres fazem uso de um conjunto de comportamentos de proteção para se protegerem e tentarem prevenir situações de violência sexual (Balasch et al., 2018; Plaza et al., 2022).

A perceção social sobre o uso de álcool e de outras substâncias é um fenómeno complexo e multifacetado. Entre os/as jovens, a prevalência do consumo social de SPA tem vindo a aumentar, mas a evidência científica que analisa os efeitos, riscos e consequências negativas em função do gênero ainda é escassa (EMCDDA, 2022; WHO, 2021).

A relação entre o uso de drogas e a violência de gênero é complexa e pode variar de acordo com a cultura e o contexto social. No entanto, alguns estudos têm mostrado que o uso de drogas pode estar relacionado com comportamentos de perpetração e vitimação de gênero, apesar desta relação não ser determinista e depender mais de processos de socialização de gênero do que dos efeitos psicofarmacológicos das SPA (Pires et al., 2018). Neste sentido, é essencial olhar para a violência sexual em ALN a partir de uma

perspetiva de género que centraliza os processos de socialização de género e a sua interceção com o estigma associado ao consumo excessivo de SPA, questionando visões redutoras que se focam no comportamento individual de consumo e nos efeitos das SPA para explicar a violência (Pires et al., 2018).

Esta investigação pretende contribuir para a produção de conhecimento sobre os duplos padrões de género associados ao consumo de substâncias, e em particular os mitos da violação e estereótipos de género associados aos padrões de consumo social de álcool e outras SPA em ALN. Esta dissertação apresenta um enquadramento teórico que aborda a reprodução contínua das normas hegemónicas de masculinidade e feminilidade, destacando a desigualdade de género e o maior risco de agressões sexuais para as mulheres nesses contextos. Em seguida, descreve-se a metodologia de recolha e análise de dados, os resultados obtidos e a respetiva discussão, terminando com as considerações finais.

Enquadramento teórico

Estereótipos de género em ALN

A literatura aponta que os estereótipos de género influenciam a perceção e a tolerância social para com a violência sexual, e tendem a culpabilizar as vítimas pela violência que experienciam (Chapleau et al., 2008). Além disso, as expectativas de género também podem moldar a dinâmica social em torno do uso de drogas em contextos sociais, e como essas práticas são percebidas por diferentes grupos de jovens (Loh et al., 2005).

De acordo com o Artigo 3c da Convenção de Istambul, “*género*” refere-se a “*papéis socialmente construídos, comportamentos, atividades e atributos que uma determinada sociedade considera apropriados para mulheres e homens*”(Conselho da Europa, 2011, p. 8).

Os estereótipos refletem expectativas gerais sobre membros de grupos sociais específicos. No entanto, mesmo que haja uma diferença geral entre esses grupos, nem todos os indivíduos nesses grupos são necessariamente diferentes dos outros (Nejadgholi et al., 2024). Por exemplo, em média, os homens tendem a ser mais altos que as mulheres, mas todos/as conhecemos homens e mulheres que não representam esta tendência ou para quem a diferença é inversa (Ellemers, 2018). No entanto, a perceção estereotipada de que uma determinada característica caracteriza e determina a pertença a um grupo social específico, resulta na sobrestimação das diferenças entre os grupos e na subestimação das variações dentro dos grupos (Prentice & Miller, 2006). O impacto de tal categorização

social na atribuição de traços e características a membros de grupos específicos, pode ser bastante fluido, dependendo da situação e do contraste com grupos de comparação relevantes que pareçam mais salientes (Oakes et al. 1994). O gênero é considerado uma característica primária na percepção de uma pessoa. Embora se conheçam casos de *gender bending* ou não binário, a categorização binária de gênero prevalece, onde as categorias homem e mulher são vistas como assimétricas, mas complementares. Assim, as categorizações de gênero são imediatamente detetadas, são cronicamente salientes, parecem relativamente fixas e são facilmente polarizadas. Isso contribui para a formação e persistência de estereótipos de gênero e para o reforço da percepção das diferenças entre homens e mulheres (Ellemers, 2018).

No senso comum, surgem vários os estereótipos de gênero associados ao consumo de álcool e/ou outras drogas¹. Um dos estereótipos mais comuns determina que os homens têm uma maior propensão a consumir álcool ou outras drogas do que as mulheres. Esse estereótipo costuma ser reforçado através de representações mediáticas de homens a consumir álcool e/ou outras drogas como forma de afirmar a sua masculinidade ou por oposição à autoridade (Martín et al., 2024). Por outro lado, as mulheres que consomem álcool de forma excessiva ou consomem SPA ilícitas (e com menor aceitação social), são comumente representadas como promíscuas ou imorais e são julgadas com mais severidade do que os homens que praticam o mesmo comportamento (Pires, 2018).

Outro estereótipo comum é a crença de que as mulheres que consomem álcool ou outras SPA têm maior probabilidade de desenvolverem padrões de consumo problemático ou de experienciar consequências negativas, como agressões sexuais ou problemas de saúde. Esse estereótipo baseia-se na suposição de que as mulheres, em comparação com os homens, são inerentemente mais fracas ou menos capazes de controlar seu comportamento, sendo que esta crença não é apoiada por evidências científicas (Brady et al., 2016)

É também comum associar aos homens o consumo excessivo de álcool ou o uso de outras drogas como a cocaína ou a heroína, enquanto as mulheres são associadas a drogas mais socialmente aceites, como canábis ou medicamentos prescritos (Brady et al., 2016). Este estereótipo coincide com as diferenças de gênero nas prevalências de

¹ Nesta dissertação os conceitos substâncias psicoativas e drogas são utilizadas como sinónimos. Clarificamos também que ambos os conceitos incluem o álcool e outras substâncias lícitas, sublinhando acima de tudo que o foco da análise está na experiência de efeitos psicoativos e não na legislação e políticas de drogas vigentes.

consumo de drogas (Silva et al., 2021), que podem expressar expectativas sociais em relação aos padrões de consumos e mercados de drogas que são mais aceitáveis para as mulheres – consumos moderados de substâncias lícitas ou com maior aceitação social (Cavariani et al., 2012).

Os estereótipos de género relacionados com o consumo de drogas têm consequências que incluem aumento das taxas de uso de substâncias entre os homens e subnotificação do uso de substâncias entre as mulheres devido ao estigma e à vergonha (Kite et al., 2010). Eles também contribuem para uma cultura de culpabilização das vítimas na sequência de consumos voluntários de drogas penalizando as mulheres pelo seu comportamento em vez de lhes dar apoio e recursos para a sua recuperação (Plaza et al., 2022).

É importante desafiar esses estereótipos de género e promover abordagens mais inclusivas e compassivas na investigação e intervenção na área das drogas. Para isso é fundamental reconhecer que o uso de substâncias agrava os processos estruturais de vulnerabilização social assentes na reprodução de desigualdades sociais pelos sistemas de opressão, e que as respostas e intervenções devem ser responsivas e estar adaptadas às circunstâncias das pessoas a quem se destinam (Mutatayi et al, 202).

Esta investigação pretende explorar os estereótipos de género associados ao consumo de drogas em ALN em Portugal, analisando a sua expressão e perceção em função do género das pessoas participantes (mulheres e homens cisgénero). É fundamental abordar essas questões de forma culturalmente sensível e interseccional. O uso de drogas em contextos sociais é influenciado por diversos fatores individuais, sociais e ambientais que afetam as escolhas e comportamentos das pessoas (Carvalho,2016; Kelly & Hoepfner, 2013). Desta forma, é importante a sua integração no estudo.

Uso de Drogas em ALN

O consumo de SPA em contextos sociais é um tema relevante, particularmente em ALN, onde jovens adultos/as utilizam frequentemente drogas como ferramentas de socialização, integração em grupos e intensificação de experiências. Contudo, esse consumo está frequentemente associado a comportamentos de risco, incluindo o uso excessivo e a perda de controlo sobre as ações (Kelly & Hoepfner, 2013).

As motivações para o consumo de SPA em ALN são variadas e influenciadas por fatores culturais, sociais e de género. De forma geral, os jovens recorrem a estas substâncias para alcançar relaxamento, euforia, intensificação da experiência musical ou

de dança, e exploração de estados alterados de consciência. Contudo, existem diferenças de gênero nas motivações. Por exemplo, os homens cis e as pessoas trans e não-binárias destacam o consumo sexualizado de drogas como um meio de desinibição ou intensificação das experiências sexuais (Plaza et al., 2022). Em contrapartida, as mulheres cis mencionam frequentemente a busca de prazer e a gestão de emoções como razões principais para o consumo, apresentando uma maior prevalência no uso de substâncias para lidar com ansiedade, stresse ou depressão (Observatório Noctámbul@s, 2018; Plaza et al., 2022).

Estudos indicam também diferenças de gênero nos padrões de consumo de substâncias ilícitas e lícitas. Embora o álcool e o tabaco sejam as substâncias mais consumidas de forma geral em ALN, os homens apresentam taxas mais elevadas de consumo de drogas ilícitas, como cocaína, MDMA, anfetaminas ou LSD (Plaza et al., 2022; Silva et al., 2021). Por outro lado, as mulheres tendem a moderar o consumo, especialmente em contextos em que a percepção de insegurança é maior, devido ao risco de assédio ou violência sexual nesses espaços (Observatório Noctámbul@s, 2018).

Nas populações trans e não-binárias, a prevalência de consumo de SPA é significativamente superior à verificada na população cisgênero. Este padrão está frequentemente associado à necessidade de gerir emoções negativas decorrentes de discriminações estruturais e sistêmicas de gênero, bem como à busca de estratégias de enfrentamento relacionadas à identidade de gênero (Mutatayi et al., 2022).

Compreender estas especificidades é essencial para a formulação de estratégias eficazes de prevenção e redução de riscos nos espaços de lazer noturno, permitindo abordagens mais inclusivas e ajustadas aos contextos socioculturais e às particularidades de cada grupo.

Estereótipos de Gênero e Violência Sexual

Esta dissertação pretende analisar criticamente a influência dos mitos da violação na perpetuação da violência sexual. Os mitos da violação são crenças amplamente aceites que minimizam, justificam ou negam a gravidade da violência sexual contra as mulheres (Burt, 1980; Murray et al., 2023). Estas narrativas transferem frequentemente a responsabilidade da agressão para a vítima, baseando-se em ideias preconcebidas sobre comportamentos, aparências e contextos associados às vítimas e aos agressores. Pires (2018) descreve os mitos da violação como narrativas culturais que culpabilizam as

vítimas em função do seu comportamento sexual, consumo de SPA ou escolhas relacionadas com a aparência.

A culpabilização das vítimas é frequentemente reforçada por estereótipos de género que associam o consumo de álcool e outras drogas a comportamentos que supostamente “provocam” a agressão sexual. Estes estereótipos perpetuam a ideia de que mulheres que consomem álcool ou outras substâncias em ALN estão a “convidar” a violência, enquanto minimizam a responsabilidade dos agressores ao enquadrar os seus comportamentos como “naturais” ou “inevitáveis” (Bohner et al., 2005). Narrativas como estas desviam o foco da violência para o comportamento das vítimas, reforçando a ideia de que estas poderiam evitar as agressões se se comportassem de forma “adequada”. A responsabilização das vítimas com base em escolhas relacionadas com vestuário ou consumo de substâncias, é um dos mitos mais enraizados e prejudiciais na compreensão da violência sexual (Abbey, 2002).

A questão das drogas de submissão química, como o spiking (adulteração de bebidas com SPA para facilitar agressões), é igualmente permeada por mitos e representações sociais que contribuem para a culpabilização das vítimas. Estas narrativas sugerem que as mulheres devem estar constantemente vigilantes em relação às suas bebidas e aos seus comportamentos, perpetuando a ideia de que a prevenção da violência é uma responsabilidade individual (Pires, 2024). Estas representações ignoram o papel central dos agressores e reforçam normas sociais que desresponsabilizam os perpetradores, enquanto criam obstáculos à denúncia e ao apoio às vítimas.

Em Portugal, normas patriarcais continuam a influenciar as decisões judiciais em casos de violação, especialmente quando estão envolvidos álcool ou outras substâncias. Frequentemente, o testemunho das vítimas é desvalorizado, enquanto as ações dos agressores são relativizadas, reforçando estereótipos de género e mitos da violação. Além disso, estes processos judiciais tendem a focar-se no comportamento das vítimas, perpetuando narrativas que dificultam o acesso à justiça e contribuem para a normalização da violência sexual (Ventura, 2015)

As mulheres que denunciam agressões sexuais em ALN enfrentam frequentemente escrutínio e ceticismo. Segundo Testa et al. (2000), os comportamentos e a aparência destas mulheres são muitas vezes interpretados como contributos para a violência que sofreram, o que resulta numa culpabilização secundária e num reforço de estereótipos nocivos. Esta culpabilização impede que as vítimas recebam o apoio necessário e contribui para uma cultura de silenciamento em relação à violência sexual.

Para combater a perpetuação da violência sexual e os seus mitos associados, é fundamental desconstruir estereótipos de gênero, abordar criticamente as narrativas de culpabilização da vítima e responsabilizar os agressores, tanto nos discursos sociais como nos sistemas de justiça. Só assim será possível promover uma cultura de prevenção e apoio eficaz às vítimas.

Os estereótipos de gênero no consumo de álcool e drogas desempenham um papel importante na culpabilização das vítimas, especialmente no caso das mulheres que denunciam agressões sexuais ocorridas em ALN. Essas mulheres enfrentam frequentemente escrutínio e ceticismo, pois o seu comportamento ou aparência são frequentemente interpretados como fatores que contribuíram para a agressão (Testa et al., 2000). Esse tipo de culpabilização reforça estereótipos prejudiciais e dificulta que as vítimas recebam o apoio e os recursos necessários para lidar com as consequências da violência.

Nesse contexto, Pires (2024) destaca que a comunicação social frequentemente divulga mitos e representações sociais sobre o *needle spiking* e as chamadas “drogas da violação”, como o GHB e o Rohypnol. No entanto, estudos toxicológicos mostram que estas substâncias raramente são encontradas nas vítimas, o que sugere que o medo em torno dessa prática pode estar a ser exagerado. Além disso, o *needle spiking* é frequentemente retratado como uma forma de terrorismo sexual, o que gera medo e ansiedade nas mulheres, reforçando a ideia de que todas são potenciais vítimas de violência masculina em ALN. Este fenómeno tem impactos psicológicos e sociais significativos, fazendo com que as mulheres se sintam vulneráveis e ansiosas, perpetuando mitos sobre a violação e reforçando narrativas de opressão patriarcal. Paralelamente, Pires (2024) observa que os discursos de precaução incentivam as mulheres a adotar comportamentos de autoproteção, como o uso de vestuário grosso para evitar picadas, transferindo para elas a responsabilidade de prevenir a violência sexual. Assim, a forma como o *needle spiking* é retratado pela comunicação social contribui para a perpetuação de mitos e narrativas sociais que, muitas vezes, carecem de evidências concretas (Pires, 2024).

Método

Fundamentação do Método e Objetivos do Estudo

Este estudo adota uma abordagem exploratória e qualitativa para a recolha e análise de dados, com o objetivo de explorar as perceções de jovens sobre os estereótipos de género associados ao consumo de SPA e à violência sexual em ALN. A escolha desta abordagem deve-se ao número reduzido de evidências qualitativas sobre o tema, especialmente em contextos relacionados com dinâmicas de género, vitimização e consumo de substâncias em ALN. O estudo de Plaza et al. (2022), no relatório *Sexism Free Night*, aborda algumas questões qualitativas, mas não tem como foco principal a análise qualitativa, o que destaca a relevância da pesquisa atual. A análise quantitativa, que visa caracterizar a frequência da violência de género e dos estereótipos, é relevante, mas questões tão complexas exigem uma análise qualitativa mais profunda, permitindo compreender as perceções, sentimentos e opiniões dos indivíduos.

Os objetivos específicos deste estudo são: (1) Identificar e analisar qualitativamente os estereótipos de género associados ao consumo de SPA e à violência sexual em ALN, entre jovens adultos/as (18-24 anos); (2) Investigar as perceções e representações sociais sobre o consumo de SPA e a violência sexual; (3) Identificar mitos relacionados com a violência sexual em ALN e a sua associação com o consumo de substâncias, através da análise das crenças e discursos dos jovens adultos/as.

Método de Recolha de Dados e Procedimentos

A recolha de dados foi realizada por meio de *focus groups* compostos por mulheres cisgénero (FGM) e uma *entrevista coletiva* composta por homens cisgénero²(EC-H). Inicialmente, estava prevista a realização de um *focus group* com homens cis, mas devido à ausência de vários participantes, a sessão foi reclassificada para uma entrevista coletiva. Mesmo com a alteração, os dados recolhidos foram mantidos devido à relevância das informações obtidas. O método de *focus group* é particularmente eficaz para explorar as perceções, atitudes e comportamentos dos participantes sobre determinado tema, oferecendo insights que não seriam facilmente acessíveis por outros

² Devido a dificuldades no recrutamento destes participantes, optou-se por dinamizar duas entrevistas coletivas, uma entrevista com 2 participantes e outra com 3.

métodos, como entrevistas individuais. Além disso, favorece a interação entre os participantes, permitindo a emergência de novas ideias e reflexões que poderiam não surgir num ambiente mais fechado, como o das entrevistas individuais (Morgan, 1997).

Os grupos de discussão foram dinamizados por duas investigadoras associadas ao projeto ³CRISSCROSS em Portugal. A decisão de dividir os grupos por género foi tomada para analisar as dinâmicas de percepção dos estereótipos de género em cada grupo, com foco em como as normas sociais de género influenciam as percepções sobre consumo de álcool, vitimização sexual e violência de género. As sessões de discussão tiveram uma duração de 60 a 90 minutos, com uma abordagem semiestruturada que permitiu explorar questões sobre consumo de substâncias, impacto do álcool na vitimização sexual, estereótipos de género e normas sociais. As discussões foram gravadas com o consentimento dos participantes e transcritas integralmente para análise posterior.

Amostra e Instrumentos de Recolha de Dados

A amostra foi selecionada por meio de amostragem não probabilística e intencional, utilizando o método snowball (Ritchie et al., 2013). Inicialmente, jovens adultos/as e profissionais que frequentam ALN foram recrutados/as para participar. A amostra foi composta por dois grupos distintos: mulheres cisgénero (n=5) e homens cisgénero (n=5). Os critérios de inclusão para os jovens foram: idade entre 18 e 24 anos, com envolvimento em contextos relacionados com jovens, como educação, centros de apoio à vítima ou áreas ligadas ao consumo de substâncias. O método snowball foi escolhido porque permite um recrutamento eficiente e diversificado, já que participantes recrutados podem sugerir outros que atendem aos critérios de inclusão, possibilitando acesso a uma amostra mais representativa dos contextos específicos de consumo e vitimização. Além disso, esta abordagem facilita a construção de um vínculo mais próximo com os participantes, o que é essencial para estudos qualitativos, especialmente em temas sensíveis como violência sexual e estereótipos de género (Ritchie et al., 2013).

Os instrumentos utilizados neste estudo incluíram um guia de perguntas semiestruturado para os *focus groups*, estímulos visuais (“Photo Elicitation”), gravação e transcrição das discussões, além do uso do software NVivo versão 12 para análise dos dados. A metodologia de *Photo Elicitation* foi utilizada para estimular discussões e

³ Mais informação sobre este projeto disponível em: www.crisscrossproject.eu

evocar memórias, ideias e sentimentos entre os participantes (Glaw et al., 2017). As imagens foram escolhidas de forma a facilitar a reflexão dos jovens sobre as temáticas de género, consumo de substâncias e violência sexual. O guia de perguntas foi adaptado ao contexto português com base no Relatório *Sexism Free Night*. Todas as discussões foram gravadas e transcritas, e o software NVivo foi utilizado para categorizar e analisar os dados qualitativos, permitindo uma abordagem sistemática e organizada.

Tratamento e Análise de Dados

A análise dos dados seguiu a abordagem qualitativa de análise temática, conforme descrito por Braun e Clarke (2006). Esta metodologia permite identificar padrões de significados dentro dos dados, sendo amplamente utilizada em pesquisas qualitativas, particularmente em estudos que exploram as experiências e percepções dos participantes. As discussões dos *focus groups* foram gravadas em áudio e transcritas integralmente. A transcrição é um passo essencial para garantir que as expressões e significados dos participantes sejam preservados (Gibbs, 2007). A análise foi realizada em três fases: pré-análise (organização da informação), codificação (identificação e categorização dos temas) e interpretação (Bardin, 2011). A codificação foi feita com o software NVivo (versão 12), que facilita a organização e sistematização dos dados qualitativos (Alyahmadi & Abri, 2013). A seleção das categorias iniciais foi orientada pelos objetivos do estudo, e os subtemas emergiram diretamente dos dados. O processo de codificação múltipla foi aplicado para capturar intersecções entre diferentes categorias, possibilitando uma análise mais rica e profunda (Naeem et al., 2023).

Considerações Éticas

O estudo recebeu aprovação ética da “Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto” (parecer ético nº 2023/06-08). Cumprindo todas as normas éticas exigidas em pesquisas com seres humanos, incluindo o consentimento informado dos participantes, a confidencialidade dos dados e a proteção da privacidade dos envolvidos. Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos do estudo, o uso das suas falas nas análises e

a garantia de anonimato. A pesquisa também respeitou o direito dos participantes de desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo.

Apresentação e discussão dos resultados

Nesta secção do trabalho, serão apresentados e discutidos os resultados considerando os objetivos de estudo delineados, com suporte de evidências empíricas. A análise dos dados foi conduzida através de uma abordagem **semi-dedutiva**, combinando categorias pré-definidas com categorias emergentes identificadas ao longo da codificação (Braun & Clarke, 2006). Para tal, serão apresentados os dados resultantes da análise num sistema geral de categorias.

A partir desta abordagem **semi-dedutiva**, foram definidas quatro categorias centrais, nomeadamente: 1) **Mitos de drogas para a violação.**; 2) **Motivações para o consumo de substâncias como álcool ou outras drogas em ALN**; 3) **Mulheres, álcool e disponibilidade percebida** ; 4) **Socialização para a prevenção da droga da violação em ALN**. As subcategorias foram geradas **indutivamente**, alinhando-se com os princípios da análise qualitativa, em que padrões emergem dos dados recolhidos sem categorias rígidas previamente estabelecidas (Bardin, 2011).

No decorrer do texto, as categorias centrais, correspondentes às categorias de primeira e de segunda geração, encontram-se a **negrito**. As categorias serão ilustradas com excertos das entrevistas realizadas aos participantes, garantindo que as análises reflitam a riqueza e complexidade das narrativas apresentadas. Esses excertos foram ilustrados como “FGM” (*Focus Group* Mulheres) e “EC-H” (Entrevista Coletiva Homens).

A interpretação dos resultados será focada na profundidade e diversidade das experiências relatadas, permitindo um entendimento mais holístico dos temas abordados.

Por último, para garantir uma leitura sensível ao género, as categorias serão apresentadas clarificando os grupos de género representados nos grupos de discussão e nas entrevistas coletivas (mulheres cis, homens cis). Essa distinção procura respeitar as especificidades das experiências de cada grupo, possibilitando uma análise mais contextualizada e rigorosa dos discursos apresentados.

Resultados

1. Mitos de drogas para a violação.

A categoria denominada **Mitos de drogas para a violação** diz respeito às perspectivas dos/as jovens sobre este tema. Ao longo das discussões nos diferentes grupos, emergiram diversas ideias e percepções, que serão apresentadas a seguir.

Experiências e Perspetivas das Mulheres Cis sobre os Mitos de Drogas para a Violação

Os discursos das mulheres que participaram neste grupo de discussão, trouxeram alguma complexidade a respeito do papel que as SPA podem ter na violência sexual. As participantes identificaram o álcool como um fator chave nos casos de violação que pode afetar tanto a agressividade dos agressores como a vulnerabilidade química das vítimas, especialmente quando estas estão inconscientes ou extremamente embriagadas. *“Eu acho que é mais pelo álcool, de beber demasiado álcool, ficam agressivos e:::”*(FGM(1)); *“Eu imagino a mulher (...) ser a tal cena da mulher beber e às vezes até está inconsciente, ou seja, ser em contexto de::: não estares em si uma pessoa, não tem noção mas não necessariamente só assim, ou seja.”*(FGM(1)). Estes discursos revelam que as participantes aderem a crenças hegemónicas que representam a mulher como frágil e violável, e que o consumo pode agravar essa alegada vulnerabilidade feminina, mas também a violência masculina.

Por esse motivo, partilharam de que forma foram socializadas e instruídas a proteger-se da violação nas primeiras saídas à noite. *“Nunca deixes o copo em lado nenhum”* (FGM (1)).

Todas as participantes referem que as drogas podem ser usadas como agentes facilitadores de violência sexual, pela vulnerabilidade química que podem induzir na vítima, deixando-a inconsciente ou incapaz de resistir. Inclusive, identificam uma droga popularizada nos media e em redes de contacto informal como *“boa noite Cinderela”*, e que seria uma SPA utilizada de forma premeditada para deixar a vítima desorientada, desinibida e sem consciência dos seus atos. *“Ouviam-se essas notícias que tinham sido violadas e drogadas”* (FGM(5)), *“causa ah... fraqueza e perda de memória no dia a seguir para não te lembrares de quem fez isso”*. (FGM(4))

As mulheres referem ser mais cautelosas quando saem à noite por serem socializadas para o risco de poderem ser violadas, ao contrário dos homens, que não

sentem a mesma necessidade nem preocupação. “*Eu tinha sempre muita atenção (...)*” (FGM(3)); “*eu sou bué, sou bué cuidadosa do tipo, eu sei que se comer menos não posso beber tanto, então e se beber, sei que vou ficar [alcoholizada] muito mais rápido.*” (FGM(1)). Desde cedo são alertadas para os perigos por pessoas familiares e amigos/as, incorporando a possibilidade do medo da violação e aumentando a sua ansiedade e preocupações em saídas à noite. “*Acho que há muitas coisas que as mulheres quando começam a sair... [para] discotecas e bares começam logo a... a primeira coisa que as mães dizem, a primeira coisa que os pais dizem é logo < “cuidado com as bebidas. Cuidado, como te vestes, nunca andes sozinha,”> quando com os rapazes, é só tipo, “não bebas muito “e prontos para sair.”*” (FGM (4))

Consideram que “*minar*” ou adulterar bebidas, é algo relativamente comum, embora sublinhem que em Portugal não seja tão frequente como noutros países, como os EUA, mas que, mesmo assim, ocorre. “*É assim eu acho que sim*” (FGM (3)); “*Não tanto em Portugal...*” (FGM (1)); “*Acho que isso não é tão... normalizado como, por exemplo, na América. Na América eu sei que é muito comum...*” (FGM (4)).

Segundo as participantes, a adulteração de bebidas, é mais comumente associado ao homem. “*É o homem*” (FGM (3)); “*tipo um homem mais perto da nossa idade*” (FGM(4)).

Em suma, os principais temas abordados pelo grupo incluem a **relação entre o consumo de substâncias e a vitimação sexual**, a alegada **vulnerabilidade acrescida das mulheres em ALN**, a sua **preocupação constante com a segurança**, e as **diferenças de género na forma como os homens e as mulheres abordam esses riscos**.

Experiências e Perspetivas dos Homens Cis sobre os Mitos de Drogas para a Violação

Nos grupos de discussão com homens cis sobre o ato de adulterar bebidas e o uso de SPA em contextos de lazer noturno, emergiram diferentes perspetivas acerca da frequência e perceção dessas práticas, das substâncias utilizadas, das consequências para as vítimas e da responsabilidade dos agressores.

O ato de “*minar*” bebidas foi considerado relativamente comum, ainda que não praticado pela maioria dos homens: “*Sim, acontece relativamente bastante*” (EC-H (1)1); “*Sim, é isso. Eu acho que é algo relativamente comum. Acho que não é algo que a maioria dos homens fazem, mas acho que é algo comum.*” (EC-H (1)2). Os participantes referiram que as mulheres são frequentemente alertadas para protegerem as suas bebidas em

espaços de lazer noturno, como discotecas, com conselhos como “*mete a mão, não pouses*” (EC-H(1)2) e mencionaram a utilização de tampas protetoras como uma medida de precaução: “*Aqueles coisinhos de tapar a bebida*” (EC-H(1)1).

Minimizaram, no entanto, o impacto da administração furtiva e predatória de substâncias quando não há consequências físicas ou psicológicas imediatas para as vítimas, tratando algumas situações como sustos momentâneos ou eventos triviais: “*Foi só uma situação de, tipo, susto*” (EC-H(1)2). Contudo, discutiram também que muitas vítimas podem não se recordar exatamente do que aconteceu, especialmente quando percebem ter consumido pouco álcool: “*Então é uma coisa que não sabem, de facto, se aconteceu ou não. Então é sempre aquela questão de ‘também não tens a certeza se foste ou não’*” (EC-H(1)2); “*(...) bebeu um shot e foi para a casa de banho, desmaiou e vomitou*” (EC-H(1)1). Foram relatadas situações em que amigos ou conhecidos desmaiaram ou vomitaram após consumirem quantidades mínimas de álcool, levantando suspeitas de que possam ter sido drogados: “*(..) Desmaiaram tendo bebido muito pouco, sentiram-se mal, vomitaram*” (EC-H(1)2). No entanto, a incerteza sobre o que realmente aconteceu persiste, pois muitas vítimas não conseguem comprovar se ingeriram substâncias de forma não intencional: “*Não tens a certeza se foste ou não*” (EC-H(1)2).

Foi reconhecida a existência de várias substâncias utilizadas com o objetivo de facilitar a violação, como “*Roofie*”, “*GHB*”, “*GBL*” e até “*MD*” (EC-H(2)2, EC-H(2)3). Estas drogas foram descritas como capazes de alterar o comportamento da vítima, aumentar a libido e deixá-la inconsciente ou incapaz de resistir, facilitando a agressão sexual: “*Para a pessoa entrar em coma e poderem-se aproveitar sexualmente dela*” (EC-H(2)3); “*Porque são duas drogas depressoras, a mulher entra em coma, ou não consegue reagir*” (EC-H(2)3). Os participantes identificaram os homens como os principais responsáveis por este tipo de comportamento predatório e relataram conhecer casos de pessoas que foram drogadas com esse intuito: “*Conheço pessoas que foram drogadas assim*” (EC-H(2)2); “*Assim nunca vi, mas com... MD já:.... Já vi, já ouvi falar, já tive amigos que (...)*” (EC-H(2)3).

As vítimas percebem que foram “*minadas*” ao avaliarem o que beberam e notarem sintomas inesperados para a quantidade de álcool consumida: “*Literalmente, só estava a beber cerveja, e tinha bebido uns shots de Jägermeister comigo, mas, fora isso, uh, de certeza absoluta que foi drogado*” (EC-H(2)2). Entre os sintomas mais comuns referidos estão sensações de “*ataque de pânico*” e desorientação: “*Foi isso que foi mais complicado, ele chegou à minha beira, hum... e disse, ‘olha, eu das 2, 1, ou estou a ter um ataque de*

pânico ou é outra coisa qualquer” (EC-H(2)2). O impacto emocional e psicológico destas experiências foi destacado, levando a mudanças no comportamento das vítimas em saídas noturnas subsequentes: *“Mudou o modo dele sair à noite”* (EC-H(2)2); *“Sim, sim. Ah, afetou muito!”* (EC-H(2)2).

Por fim, surgiram discursos de culpabilização da vítima ao discutirem o risco associado a mulheres que aceitam bebidas de estranhos sem pagar: *“Tenho amigas que vão sair à noite, bebem a noite toda e não pagam uma bebida”* (EC-H(2)3), alertando para o elevado risco que isso representa, apesar das aparentes vantagens financeiras.

Em suma, os participantes abordaram a **frequência e percepção sobre o ato de adulterar bebidas com drogas**, as **substâncias mais associadas** a esse fenómeno, o **papel dos homens como principais perpetradores**, os **impactos psicológicos e comportamentais nas vítimas** e os **discursos de culpabilização** que por vezes surgem. Embora haja consenso sobre a gravidade da situação, persistem percepções minimizadoras em alguns contextos e incertezas sobre a ocorrência exata dos casos relatados.

2. Motivações para o consumo de substâncias como álcool ou outras drogas em ALN

Experiências e Perspetivas das Mulheres Cis sobre Motivações para o consumo de Substâncias como álcool ou outras drogas em ALN

O grupo de mulheres cis mencionou alguns fatores motivadores para o uso de SPA, nomeadamente o álcool e tabaco ou a canábis. O principal fator mencionado para o consumo foi para se divertirem, *“Acho que é muito na base da [diversão-]e certas coisas que eu só faço quando vou sair à noite só”* (FGM(4)). Referem que especialmente os homens cis sentem a necessidade de consumir para aumentar a sua confiança sexual, mais especificamente para o contacto e a interação com mulheres. *“Aumentar confiança, sim.”* (FGM(1)); *“Se calhar aumenta a confiança (3) deles.”*(FGM(4)). Fazem também a comparação com as mulheres, dizendo que estas não sentem essa necessidade de beber para ter confiança em abordar homens por terem *“mais oferta também, se calhar não precisam tanto de consumir substâncias”* (FGM(1)). Referem que por esse motivo existem incentivos por partes de discotecas, como entradas gratuitas, de forma que aumente o número de mulheres nesses locais, que tende a ser menor que o dos homens. *“Aliás, nós vamos nas discotecas e eles querem ter mais raparigas do que rapazes”* (FGM(1)).

Segundo as participantes, o consumo de SPA reforça as dinâmicas de socialização em ALN em ambos para ambos os grupos de género em análise, sendo estes contextos que promovem esses consumos. *“Não sei, estás a sair à noite, estás naquele ambiente, apetece-te, não fazes aquilo muitas vezes, só fazes aquilo que, mesmo quando vais sair à noite”* (FGM(4)). O consumo de álcool ou de outra SPA, parece servir efeitos desinibidores para interação social. *“Eu já conheci amigos que no fundo iam e bebiam. Não é? para terem, para quebrar esse gelo, para poderem conhecer alguém...”* (FGM(1)). Referem também que a oferta de bebidas ou de tabaco pode ter um carácter transacional e de criação de canais de contacto com fins sexualizados. *“Tipo, “queres que te pague uma bebida?”, depois, quando estou à espera da bebida falam, “ e quê, olha, vamos para... vamos enrolar um!”* (FGM(1)). *“(...) Depois vão lá para fora, estão a falar enquanto fumam, e acho que é uma coisa que tipo, mesmo se for só uma bebida., é uma coisa que fizeram juntos (...)”* (FGM(4)).

As participantes também referem que o consumo de SPA pode facilitar interações sexualizadas mais íntimas, referindo que estas podem ser utilizadas para aliviar a tensão ou inibições em momentos de maior intimidade. *“Uma relação sexual é algo mais íntimo e não tão não tanto, hum... comum como socializar, digamos. É algo mais íntimo...”* (FGM(1)). As participantes explicaram que, nessas situações, o consumo de SPA pode tornar o momento menos “sério” e ajudar a reduzir a ansiedade: *“...eles próprios, se calhar, também...e passam esta mensagem de que consomem ah... substâncias para os ajudar a que aquele momento se calhar não seja tão [sério](...)”* (FGM(1)).

Em resumo, os tópicos principais abordados pelo grupo incluem o **consumo de substâncias como uma forma de diversão e socialização**, a **diferença de género na motivação para o consumo de substâncias**, e o **papel que o álcool e outras substâncias desempenham na desinibição social e sexual em espaços de lazer noturno**.

Experiências e Perspetivas dos Homens Cis sobre a Motivação para o consumo de Substâncias como álcool ou outras drogas em ALN

Nos grupos de discussão com homens cis, emergiram diferentes perspetivas sobre as motivações para o consumo de substâncias em ALN. De forma geral, os participantes referiram que a principal razão para o consumo de álcool é o aumento de confiança, especialmente no contexto de interações sociais e sexuais com mulheres. Os homens sentem que têm de assumir um papel sexualmente ativo e abordar mulheres, o que gera uma necessidade acrescida de consumir substâncias para aliviar essa pressão e ganhar

confiança: “*O homem tem que dar o primeiro passo...*” (EC-H (1)1); “*ganharem confiança*” (EC-H(1)2).

Por outro lado, indicaram que as mulheres não precisam de consumir álcool pelo mesmo motivo, uma vez que socialmente são abordadas e podem manter um papel sexualmente passivo, sem necessidade de substâncias para aumentar a confiança neste sentido. “*As mulheres têm mais facilidade, entre aspas, em obter relações sexuais*” (EC-H (1)1); “*Mas, lá está, como o homem é sempre visto como dominante, também é o homem que tem de 'caçar'*” (EC-H (1)2). Estas perceções demonstram estereótipos sexuais que cristalizam a dicotomia entre o homem ativo e a mulher passiva e recetora dos avanços masculinos.

Para muitos homens, o consumo de substâncias, nomeadamente álcool, está diretamente ligado à interação sexual, sendo utilizado como um meio para atingir esse fim: “*Lá está, os homens saem à noite para as discotecas para acasalar, então o consumo vai ser nesse sentido, também*” (EC-H (2)3); “*(...) procuram ter relações sexuais, normalmente há a excitação sexual, acabam por consumir nesse sentido, lá está*” (EC-H (2)1). O álcool foi identificado como a principal substância desinibidora, reconhecida por facilitar a interação social: “*com o álcool fico desinibido*” (EC-H (2)2). O grupo concordou que o consumo de álcool tem um papel central no comportamento masculino em espaços noturnos, servindo para aumentar a confiança em situações de interação social e sexual.

Para além disso, os homens cis reconheceram que as mulheres tendem a ser mais cautelosas no consumo de álcool devido ao receio de possíveis consequências negativas, como assédio ou violência sexual: “*(...), pela questão de terem de estar sempre atentas.*” (EC-H (1)2). O grupo discutiu que, por questões de segurança, as mulheres têm mais cuidado com o consumo de substâncias, o que também justifica diferenças nas motivações para consumir. “*A razão de ser menor para as mulheres é mesmo (...) a nível de segurança*” (EC-H (2)1).

Foi também abordada a ideia de que os homens tendem a ser mais impulsivos no consumo de substâncias em comparação com as mulheres. Este padrão de género, que associa comportamentos mais arriscados aos homens, foi identificado como um fator relevante nas dinâmicas de consumo de drogas em ALN. “*Tipo, os homens serem mais impulsivos, estar a associar mais consumo de drogas a homens do que a mulheres, isto falando em grupos.*” (EC-H(1)2).

Em suma, os grupos discutiram as principais motivações para o consumo de substâncias, que incluem a **busca por confiança nas interações sociais e sexuais**, a **percepção de papéis diferenciados entre homens e mulheres no contexto do lazer noturno**, o **papel da impulsividade masculina no consumo de substâncias** e as **razões de segurança que fazem com que as mulheres sejam mais cautelosas nesse tipo de ambiente**.

3. Mulheres, álcool e disponibilidade sexual percebida

Experiências e Perspetivas da Mulheres cis acerca do tema Mulheres, álcool e disponibilidade sexual percebida

No grupo das mulheres cis (FGM) foram partilhados alguns estereótipos associados às mulheres que consomem álcool em ALN. As participantes começaram por identificar como as mulheres, na sociedade, são pressionadas a seguir uma série de padrões sociais, que definem como se devem comportar e expressar no dia a dia. “(...) *Mas como mulheres, nós estamos sempre...a certas regras, por assim dizer, como agir no dia a dia, o que vestir, o que fazer, como responder a certos... certas atitudes, como falar...*” (FGM (4)). Contudo, quando estão sob o efeito do álcool, tendem a afastar-se dessas normas e o seu comportamento é socialmente percecionado como um indicador de maior disponibilidade sexual. “*Acho que quando nós bebemos, acho que algumas dessas regras vão pela janela fora.*” (FGM (4)); “*Tipo, eu... eu não ajo da mesma forma que estou a agir aqui... se eu estiver no meio de uma discoteca a beber (3) e... se calhar uma pessoa vendo fora, acharia que eu estava mais sexualmente disponível numa discoteca, do que fora.*” (FGM (4)).

O grupo demonstrou diferentes interpretações do mesmo comportamento em função do género, ou duplos padrões de género, em relação à participação em ALN. As mulheres sentem que são frequentemente objetificadas, tanto nestes contextos como na sociedade em geral. Por exemplo, mencionaram que se uma mulher estiver vestida de forma mais reveladora, como usar apenas um sutiã por estar calor, é vista como provocadora, enquanto um homem pode agir de forma desinibida sem enfrentar o mesmo julgamento: “*Se uma mulher tiver a andar na rua, tirar a camisola por estar calor, de repente está com um sutiã... oh meu Deus que escândalo(...)*”(FGM(4)); “*o rapaz ter atitudes diferentes, como está bêbado, não está necessariamente quebrar nenhuma regra imposta pela sociedade*” (FGM(4)). Além disso, apontaram que os ALN reforçam essa

objetificação através de políticas de vestuário que exigem às mulheres usarem roupas mais reveladoras, o que serve para atrair a atenção dos homens. *“Há várias discotecas que não nos deixam a nós raparigas, entrar de sapatilhas, por exemplo. Ou... [tens que ter decote-] ... ou seja, já está:: ali a pôr-nos(4) não é que a roupa interesse...”* (FGM(1)); *“[tens que ter decote, exato]”* (FGM(2)).

Outro tema levantado foi a crença comum entre os homens, de que as mulheres que vão a discotecas estão mais disponíveis para trair ou encontrar novos parceiros, especialmente se forem sozinhas ou sem o namorado. Referem que este tipo de juízo de valor não é aplicado aos homens, que podem sair com os amigos sem que isso seja questionado. *“(...) As mulheres que vão para a discoteca se namoram, [pensa-se] que vão trair o namorado. E se... e quando, e quando estão solteiras é para arranjar outro rapaz”* (FGM(5)); *“...se eles [namorados] forem, já não há problema, tipo eles podem ir para se divertir com os amigos...”* (FGM(1)). Esta mesma crença acaba por ter que ver com a expectativa acerca do homem no geral quando sai à noite, e das suas intenções que muitas vezes são para *“arranjar alguém”* (FGM(1)), e isso impacta a maneira como ele escolhe agir e a sentir que deve ser ele a dar o primeiro passo e abordar a mulher. *“Ah tenho que ir bem vestido, bah bah bah, a, cheirar bem... tem que levar aquele extra para pagar as bebidas [às mulheres]”* (FGM(3)). *“É aquela coisa que metem a si mesmo, que é: “eu tenho de dar o primeiro move”, “eu tenho de ir ter com ela primeiro”.* (FGM(4)).

O grupo também descreveu a mulher como mais vulnerável e influenciável quando está alcoolizada, o que muitas vezes é visto como sinal de disponibilidade sexual. As participantes concordam que o comportamento simpático e comunicativo das mulheres, sobretudo sob o efeito do álcool, é muitas vezes mal interpretado pelos homens como interesse sexual. *“(...) Se nós estamos alcoolizadas, vamos ficar mais comunicativas também vai haver essa cena de estar sexualmente disponível mais intensificado.”* (FGM (1)). Em certos casos, *“ser simpática”* é uma forma de proteção para evitar problemas, embora os homens frequentemente interpretem essa atitude como um sinal de consentimento sexual. *“E às vezes é sempre aquela base de:: eu vou ser simpática caso...Por que não quer mais [problemas-] (...) Não quero armar aqui um problema, então vou responder de [volta-], vou ser simpática e isso, E eles interpretam logo tipo, oh, meu Deus está a ser simpática, oh meu Deus queres!”* (FGM(4)).

Em caso de violência sexual, referem que a sociedade tende a reproduzir discursos de culpabilização da vítima, como acontece no caso dos media. *“(...) Os filmes e as séries fazem que..., uma mulher alcoolizada automaticamente, é mais fácil de ter (...) Por*

exemplo, sempre são violadas, o primeiro argumento é ah::: “se calhar estava bêbada::: esteve a beber”” (FGM3). Paralelamente, mencionam que os homens, quando bebem, são vistos como mais agressivos, reforçando o estereótipo de que a agressividade masculina em ALN é aceitável ou esperada. *“Sim, até porque nas discotecas há sempre porrada”* (FGM (1)). *“E é sempre, os homens”* (FGM (2)).

Os principais temas abordados pelo grupo incluem: **A percepção da mulher como mais disponível sexualmente quando consome álcool; a existência de duplos padrões de gênero em ALN; A objetificação da mulher e as políticas de vestuário que reforçam essa objetificação; estereótipos e representações de gênero sobre mulheres que saem à noite, especialmente em relação à fidelidade, à simpatia feminina, à culpabilização da vítima de violência sexual, especialmente em casos envolvendo álcool; a visão estereotipada do homem como agressivo quando alcoolizado.**

Experiências e Perspetivas dos Homens Cis sobre o tema Mulheres, álcool e disponibilidade sexual percebida

Foram abordados diversos tópicos que refletem a visão dos homens sobre o comportamento das mulheres em relação ao consumo de álcool e à percepção de disponibilidade sexual, sobretudo no contexto de ALN.

Um dos principais pontos discutidos foi a idealização da mulher como *“pura”* e a forma como essa expectativa social impacta a percepção dos seus comportamentos. Os participantes indicaram que existe uma visão rígida sobre como as mulheres devem agir, sendo esperado que mantenham uma postura contida e moralmente aceitável. No entanto, quando demonstram comportamentos mais desinibidos, especialmente sob o efeito do álcool, são frequentemente associadas à disponibilidade sexual, o que pode levar à sua objetificação *“(…) Uma mulher que se liberte demais, uma mulher que seja mais espontânea. É sempre associada a essa coisa de... é uma mulher que... É livre, se calhar faz sexo com vários parceiros sexuais”* (EC-H(1)2). Foi também reforçada esta ideia, mencionando que *“não é visto tanto como uma mulher a respeitar porque, lá está, cada vez o objeto deixa de ser menos valorizado”* (EC-H(1)2).

O duplo padrão de gênero em relação ao consumo de álcool foi também um tema central na discussão. Os participantes referiram que, enquanto beber em excesso é, de forma geral, visto negativamente, essa conotação tende a ser muito mais severa para as mulheres do que para os homens. *“(…) Conotação negativa de pessoas bêbadas não é fixe, no geral”* (EC-H(1)2); *“...conotação mais negativa quando uma mulher bebe”* (EC-

H(1)1). Além disso, argumentaram que o consumo excessivo de álcool nas mulheres é frequentemente associado a falta de moralidade e descontrolo, tornando-as “*menos humanas*” e “*mais anormais*” (EC-H(1)2). Em contraste, quando os homens consomem álcool de forma excessiva, esse comportamento tende a ser mais tolerado socialmente, sendo visto como algo natural dentro da masculinidade: “*É selvagem*” (EC-H (1)2); “*Enquanto um homem é mais socialmente aceitável*” (EC-H(1)1); “*O homem é um bocado visto como selvagem, mas mulheres são vistas como mais... Menos humanas e isso pode propiciar outros comportamentos*” (EC-H(1)1).

Outro ponto levantado pelos participantes foi a percepção masculina de que as mulheres se tornam mais sexualmente disponíveis quando consomem álcool. Apesar de reconhecerem que essa percepção não reflete necessariamente a realidade das mulheres, os participantes acreditam que ela influencia a forma como os homens interagem com elas nesses contextos. “*(...) Não é que represente a realidade das mulheres, mas representa a realidade da percepção dos homens (...)*” (EC-H (2)2). Além disso, mencionaram que o consumo de álcool pode tornar as mulheres mais vulneráveis, facilitando situações de manipulação ou controlo por parte dos homens. “*(...) O facto das mulheres beberem álcool, hum, serem vistas como sexualmente disponíveis, existe muito mais facilidade de controlo ou manipulação...*” (EC-H (2)1).

Os participantes também refletiram sobre a influência das expectativas masculinas no comportamento feminino, indicando que, em muitos casos, as mulheres acabam por agir de acordo com aquilo que se espera delas nesses contextos, mesmo que de forma inconsciente. “[*Sim...*] *Até pelo facto de estar... De estar bêbada, tipo, leva a um poder de sugestão muito maior!*” (EC-H(2)2). Um dos conceitos discutidos foi o da “*crença auto-realizável*”, segundo o qual as expectativas masculinas acerca da disponibilidade sexual das mulheres sob o efeito do álcool, acabam por moldar as interações, tornando-se uma espécie de profecia que se cumpre por si mesma. “*Não sei, eu sinto que, lá está, eu tive situações em que já estavam muito bêbadas e, hum, queria, lá está, esta atividade sexual, e era quase, tipo, “estou bêbada, aproveita-te de mim”, como, 'é isto que é o expectável fazermos*” (EC-H(2)3). “*E::... E era por aí também que estava a dizer isto, das crenças autorrealizáveis*” (EC-H(2)3).

Em suma, a discussão nos grupos de homens cis revelou uma série de dinâmicas sociais e percepções enraizadas sobre o consumo de álcool e a sexualidade feminina. Entre os principais tópicos abordados destacam-se: **a idealização da mulher como “pura” e a consequente desvalorização de comportamentos mais desinibidos; o duplo padrão**

de género, onde o consumo excessivo de álcool é mais condenado nas mulheres do que nos homens; a percepção de que o álcool torna as mulheres mais sexualmente disponíveis, influenciando a forma como os homens interagem com elas; a vulnerabilidade feminina e o risco de manipulação sob o efeito do álcool; e a ideia de crença auto-realizável, na qual as próprias expectativas masculinas acabam por condicionar o comportamento das mulheres nestes contextos.

4.Socialização para a prevenção da droga da violação em ALN

Experiências e perspetivas das mulheres cis sobre a Socialização para a prevenção da droga da violação em ALN

No grupo de discussão de mulheres cis (FGM), surgiram várias críticas às campanhas de sensibilização para a violação, que foram vistas como excessivamente focadas nas mulheres e nas medidas que estas devem tomar para evitar serem vítimas de abuso sexual. O grupo destacou que as campanhas se centram na vítima, sugerindo que as suas ações, como beber álcool, são a causa do abuso, enquanto pouco ou nada se menciona sobre a responsabilidade do agressor e a necessidade de educá-lo para prevenir a violação.

As participantes sentiram que esta abordagem contribui para a culpabilização da mulher, desviando a responsabilidade do agressor e colocando o foco nas escolhas da vítima. Sugerindo assim que o consumo de álcool pela mulher a torna responsável pelo abuso. *“que tem a ver com o consumo de álcool, estamos a culpar-nos a nós e eu concordo, não... tem a ver, ou seja, uma pessoa sóbria também pode acontecer ser ...”* (FGM (5)).

O grupo expressou consenso sobre a necessidade de mudar o foco nas campanhas, passando a centrar-se na prevenção a partir do lado do agressor e não exclusivamente nas ações da vítima. As mulheres também reforçam que, embora as campanhas de sensibilização sejam importantes, é essencial que a informação seja apresentada de forma diferente, com uma linguagem que não insinue a culpa da vítima, mas que, em vez disso, eduque os possíveis agressores e desafie a legitimidade de certas crenças, como a ideia de que o facto de alguém estar a beber justifica uma violação. *“Eu percebo, que também é para alertar a vítima, mas deve ser para sensibilizar e impedir agressores de sequer legitimarem o facto de alguém estar a beber ser razão para uma violação. Portanto concordo muito mais princípio, sensibilização como desculpa”* (FGM (1)).

Outro ponto salientado foi a importância de ensinar o significado do consentimento de forma clara e inequívoca. O grupo defendeu que as campanhas deveriam focar-se na ideia de que “não é não”, sublinhando o valor de um “não”, e o significado de um “sim” no contexto do consentimento sexual.” *Não é não “, o significado do não, o significado do [sim-]”* (FGM (3)). O foco aqui será a prevenção presente na educação em vez de colocar o peso da prevenção exclusivamente nas mulheres “...eu acho que::: alertar não deve ser alertar a vítima, é ensinar (3) a quem faz, não acho que concorde.” (FGM (3))

Em resumo, os principais tópicos discutidos por este grupo incluem a crítica à **culpabilização da vítima nas campanhas, a necessidade de reestruturar a linguagem dessas campanhas para focar na prevenção do lado do agressor, e a importância de educar sobre o consentimento de forma clara e efetiva.**

Experiências e perspectivas dos Homens cis sobre a Socialização para a prevenção da droga da violação em ALN

No grupo de discussão com homens cis, o tema da socialização para a prevenção da droga da violação em ALN foi amplamente debatido, com críticas às campanhas preventivas existentes. Os participantes apontaram que muitas dessas campanhas tendem a culpabilizar a vítima, colocando sobre a mulher a responsabilidade de evitar ser violada, ao invés de focar no comportamento dos agressores. “(...) *Porque é tipo, quase colocando a vítima numa posição de culpa.*” (EC-H (1)1).

Destacaram que essas mensagens reforçam um discurso de medo, sugerindo que as mulheres devam evitar consumir álcool e sair à noite para prevenirem uma agressão. “*Sim, tipo “ah, cuidado, não bebas! Olha que eles andam aí!”*” (EC-H (1)1). Essa abordagem foi considerada inadequada, pois desvia a atenção do verdadeiro problema: os comportamentos dos agressores. “*Lá está coisas com mais a sensação que mete medo numa mulher*” (EC-H (1)1). Os participantes sugeriram que as campanhas deveriam centrar-se na educação e sensibilização dos potenciais agressores, promovendo valores de respeito e consentimento. “*É mesmo um ensino que passa mais pela questão de ensinar os homens a comportarem-se. Homens e qualquer pessoa que pratique o ato de violentar sexualmente.*” (EC-H (1)2).

Paralelamente, foi discutida a vulnerabilidade acrescida das mulheres em contextos de consumo de álcool, que pode facilitar situações de violação. Os participantes

referiram que, ao beber, a mulher pode tornar-se mais desinibida e acessível, facilitando o contacto com estranhos, mas também perde algum controlo, tornando-se menos capaz de se proteger. *“Quando bebe, fica mais desinibida e dá-se a conhecer, até às pessoas permite o contacto mais fácil, mas depois, também... Têm menos controlo, porque se calhar não se consegue proteger tão facilmente”* (EC-H (2)3).

Outro ponto relevante levantado foi a discrepância entre a incidência real de casos de violência sexual e o número de casos denunciados. Os participantes enfatizaram que deveria haver um esforço maior para sensibilizar as vítimas e incentivá-las a reportar os crimes. *“Mais... Sim, mais consciencialização, haver mais facilidade das vítimas reportar”* (EC-H (2)2); *“Eu acho que sim, uh... [Qualquer tipo] de awareness é importante.”* (EC-H (2)2).

Os participantes também fizeram uma crítica ao sistema judicial em Portugal, mencionando que uma percentagem muito pequena de violadores acaba condenada e presa, o que contribui para a sensação de impunidade dos agressores e o receio das vítimas de denunciar os crimes. *“Só 7% dos violadores é que estão presos (4). Quer dizer, isto diz muito sobre a situação... As leis não funcionam, ou seja, as pessoas sentem-se impunes para fazer o que querem!”* (EC-H (2)2). A percepção de que os agressores não enfrentam consequências leva a um ciclo vicioso de silenciamento e repetição dos crimes.

Por fim, foi reforçada a necessidade de medidas de proteção mais eficazes, já que a falta dessas medidas contribui para a insegurança das vítimas e perpetua a impunidade dos agressores. *“E não existem medidas de proteção em relação a isso”* (EC-H (2)1).

Em síntese, os participantes enfatizaram a **importância de reformular as campanhas preventivas para evitar a culpabilização das vítimas**, focando-se na educação dos agressores e na promoção de uma cultura de consentimento. Discutiram também a **vulnerabilidade das mulheres sob o efeito do álcool**, a **subnotificação de casos de violência sexual**, a **ineficácia do sistema judicial** e a **necessidade de medidas de proteção mais eficazes** para combater a impunidade e garantir segurança para as vítimas.

Discussão

O objetivo deste estudo foi explorar as percepções dos/as jovens sobre violência sexual em ALN, focando particularmente no álcool e outras drogas psicoativas, e os estereótipos de género associados. Os resultados das discussões no grupo de discussão e nas entrevistas coletivas, em conjunto com a literatura existente, sugerem que tanto

homens cis como mulheres cis reconhecem o álcool como um fator que pode facilitar a violência sexual. Isto deve-se ao facto de contribuir tanto para a vulnerabilidade química das vítimas como para o comportamento agressivo dos agressores, ao potenciar a impulsividade e a desinibição. (Testa et al., 2016). Além disso, a interação entre o álcool e as normas culturais de género contribui para processos de socialização genderizada em que os comportamentos de risco, associados à masculinidade, são vistos como mais aceitáveis (George, 2019).

Os relatos do grupo de mulheres cis, sugerem que o consumo de álcool legítima, em certa medida, a agressão masculina e amplifica a vulnerabilidade feminina. Este padrão de culpabilização da vítima, onde as mulheres são responsabilizadas pela sua própria vitimação ou incapacidade de se proteger em ALN, tem sido amplamente documentado (Livingston, 2011). Neste contexto, os efeitos psicoativos das substâncias são entendidos como um convite ou um facilitador por parte dos agressores, mas também como um elemento cultural que contribui para a normalização de tais comportamentos. Essa normalização é reforçada pelos estereótipos de género que moldam as relações de género e interações sociais nos ALN, onde os homens são frequentemente incentivados a adotar comportamentos agressivos ou predatórios, enquanto as mulheres devem adotar etiquetas de “vigilância sexual” para evitar situações de risco (Pires, 2024). Estas normas reforçam a desigualdade de poder, contribuindo para a culpabilização das vítimas e para a perpetuação de atitudes permissivas em relação ao assédio e à violência sexual, conforme discutido por Banyard et al. (2007) e Plaza et al.,(2022).

Substâncias psicoativas como o GHB e a “boa noite Cinderela”, frequentemente mencionados pelos participantes, são identificados como algumas das principais substâncias utilizadas para violência sexual, pelo seu efeito amnésico e inibidor, o que facilita a vitimização sexual ao reduzir a resistência das vítimas e dificultar a memória dos eventos. Este fenómeno é reforçado pela literatura, que aponta o uso destas substâncias em crimes de violação (Takitane et al., 2017). Autores defendem que a banalização do risco associada à adulteração de bebidas, considerada uma prática comum, é também um ponto crítico, uma vez que contribui para a minimização do problema, dificultando a prevenção da vitimização sexual (Takitane et al., 2017). Contudo, evidências recentes indicam que qualquer substância psicoativa pode ser utilizada, de forma premeditada ou oportunista, em contextos de violência sexual. Além disso, as ocorrências de violência sexual em ALN tendem a ser intensificadas por coberturas mediáticas alarmistas (Pires, 2024).

Pelos seus processos de socialização genderizada, as mulheres, demonstram uma maior percepção de risco em ALN e, por isso, adotam estratégias de vigilância sexual e de comportamentos protetores como manter sempre o copo nas mãos (George, 2019). Estes comportamentos de autoproteção surgem em resposta ao medo de violência sexual, o que reflete normas de gênero que colocam sobre as mulheres a responsabilidade pela própria segurança, enquanto os homens, por sua vez, não enfrentam as mesmas expectativas (Pires et al., 2018; Pires, 2024). Essa responsabilização desigual é agravada pela pressão social sobre as mulheres para equilibrar o consumo de álcool e as expectativas de segurança pessoal, enfrentando julgamentos contraditórios que podem influenciar o seu comportamento em ALN (Plaza et al., 2022). Esta desigualdade perpetua normas sociais que limitam a liberdade e a segurança das mulheres em espaços de lazer, reforçando uma cultura que naturaliza a violência sexual (Pires, 2023).

Por outro lado, os homens, ao reconhecerem o uso de drogas em contextos de consumo, tendem a minimizar o impacto das experiências de vitimização, especialmente quando não há danos físicos visíveis. Este fenômeno aborda como a trivialização da violência sexual em casos sem danos físicos, contribui para a perpetuação da cultura de silêncio e impunidade em torno do abuso sexual (Aguar & Corrêa, 2022). Além disso, os relatos dos participantes masculinos salientam o impacto psicológico e comportamental nas vítimas, manifestado, por exemplo, na evitação de ALN e no desenvolvimento de sintomas de ansiedade (Fontes et al., 2017). Este impacto reflete a tentativa das vítimas de restabelecer a sensação de segurança após uma experiência traumática. Os resultados evidenciam a importância de considerar não apenas os efeitos imediatos, mas também as consequências a longo prazo, incluindo o impacto psicológico e social.

Em relação à normalização de práticas de risco, como o consumo de álcool e a aceitação de bebidas de pessoas desconhecidas, a literatura sugere que essas atitudes podem aumentar a vulnerabilidade das mulheres a abusos sexuais (Banyard et al., 2007). No entanto, essas são visões simplistas e problemáticas que tendem a culpabilizar as mulheres pela violência que experienciam. A visão de que a sociabilidade feminina sob o efeito do álcool é interpretada como sinal de disponibilidade sexual, contribui para o aumento dos riscos de assédio e violência sexual (Testa et al., 2000). A tolerância social em relação ao assédio sexual em ALN, é frequentemente justificada como fazendo “parte do ambiente”, o que contribui para a perpetuação de comportamentos abusivos e cria barreiras para que as vítimas denunciem tais situações (Plaza et al., 2022).

Os resultados deste estudo evidenciam a necessidade de intervenções em políticas públicas e práticas de prevenção em ALN. A formação de *staff*, para identificar e intervir em situações de risco e a implementação de políticas claras contra o assédio, são fundamentais para melhorar a segurança nos ALN. A abordagem interseccional, que considera fatores como identidade racial, classe social e orientação sexual, pode enriquecer essas intervenções e possibilitar uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de vitimização. Além disso, a desconstrução de estereótipos de gênero e a promoção de comportamentos de respeito mútuo são essenciais para reduzir a violência sexual e fomentar ambientes sociais mais seguros.

Conclusão

Este estudo explorou as percepções de jovens adultos/as (18-24 anos) sobre o consumo de SPA e a violência sexual, com foco particular no álcool e nas SPA em ALN. Os resultados confirmam que as culturas de consumo de álcool em ALN podem agravar as dinâmicas de socialização sexistas e facilitar a ocorrência de violência sexual. A normalização de comportamentos agressivos associados ao consumo de álcool e as expectativas de gênero, que colocam a responsabilidade pela segurança das mulheres nas suas mãos, perpetuam a desigualdade de gênero e a violência sexual (Testa et al., 2016; Livingston, 2011; George, 2019).

As mulheres demonstraram uma menor percepção de segurança e maior preocupação com os riscos de violência sexual, adotando comportamentos preventivos e de “vigilância sexual”, enquanto os homens frequentemente minimizam os impactos da vitimização (Aguiar & Corrêa, 2022). Estes resultados indicam uma clara desigualdade de gênero nas percepções e comportamentos relacionados à violência sexual em ALN. A normalização de duplos padrões de gênero associados ao consumo de álcool agrava a vulnerabilidade das vítimas, dificultando a prevenção e a denúncia (Pires, 2018; Fontes et al., 2017).

Este estudo sublinha a importância de intervenções políticas e práticas para reduzir a vitimização sexual em ALN. Estratégias de educação e prevenção, baseadas na desconstrução de mitos culturais sobre violência sexual e na promoção do consentimento explícito, são essenciais para criar ambientes mais seguros e equitativos. A implementação de políticas claras de combate ao assédio, a criação de zonas seguras e a promoção de comportamentos de respeito mútuo são ações necessárias para proteger as

vítimas e transformar as normas culturais que perpetuam a violência sexual (Banyard et al., 2007; Plaza et al., 2022; Pires, 2024).

Embora este estudo tenha oferecido uma contribuição valiosa sobre as dinâmicas de gênero e a violência sexual em ALN, a amostra restrita ao contexto universitário limita a generalização dos resultados para outros grupos etários e socioculturais. Além disso, como se concentrou em percepções e experiências, o estudo não permite estabelecer relações causais. Estudos futuros poderiam ampliar a amostra para incluir diferentes faixas etárias e contextos sociais, permitindo uma análise mais abrangente das percepções e dinâmicas de vitimização. Seria também interessante explorar como políticas públicas, como regulamentações mais rigorosas sobre segurança em ALN, podem influenciar a percepção e o comportamento dos jovens em relação à violência sexual.

A criação de zonas seguras, o reforço de campanhas de prevenção com foco na responsabilização dos agressores e a promoção do consentimento explícito, são medidas cruciais para enfrentar a violência sexual em ALN. As campanhas educativas devem ser repensadas, desafiando estereótipos de gênero e incentivando comportamentos de respeito mútuo. A inclusão de mensagens específicas para homens jovens, destacando a importância do consentimento e o impacto do seu comportamento, é fundamental para transformar as normas sociais e reduzir a incidência de violência sexual. As políticas públicas devem apoiar estas iniciativas com regulamentações mais rigorosas, criando um ambiente mais seguro, inclusivo e equitativo para todos.

Referências Bibliográficas

- Abbey, A. (2002). Alcohol-related sexual assault is a common problem among college students. *Journal of Studies on Alcohol, Supplement No. 14*, 118–128. <https://doi.org/10.15288/jsas.2002.s14.118>
- Aguiar, A. P., & Corrêa, R. S. (2022). Violência por parceiro íntimo contra a mulher e insegurança alimentar: uma revisão narrativa da literatura. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 26, e210488. <https://doi.org/10.1590/interface.210488>
- Almeida, M. A., & Quintela, P. (2022). Certificação Sexism Free Night: da visibilização do assédio sexual à criação de um roteiro de lazer noturno mais seguro e igualitário no Porto. *Revista de Estudos de Género e Sexualidades*, 8(1), 45-62.
- Alyahmadi, H., & Abri, S. (2013). Using NVivo for data analysis in qualitative research. *International Interdisciplinary Journal of Education*, 2, 181–186. <https://doi.org/10.12816/0002914>
- APAV. (2022). Estatísticas APAV - Relatório Anual 2022. Recuperado de https://apav.pt/apav_v3/index.php/pt/estatisticas-apav
- Balasz, M., Faucha, M., & Antelo, V. S. (2018). Sex-related Differences in Heavy Episodic Drinking Among Young Adults Living in Porto, Bologna and Tarragona: Patterns, Protective Behaviors and Negative Consequences. *Journal of Alcohol and Drug Education*, 62(3), 72-93.
- Banyard, V. L., Plante, E. G., & Moynihan, M. M. (2007). Rape prevention through bystander education: Bringing a broader community perspective to sexual violence prevention. *Journal of Community Psychology*, 35(4), 463–481. <https://doi.org/10.1002/jcop.20159>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bohner, G., Jarvis, C. I., Eyssel, F., & Siebler, F. (2005). The causal impact of rape myth acceptance on men's rape proclivity: Comparing sexually coercive and noncoercive men. *European Journal of Social Psychology*, 35(6), 819-828. <https://doi.org/10.1002/ejsp.263>
- Boeringer, S. B., Shehan, C. L., & Akers, R. L. (1991). Social contexts and social learning in acquaintance rape and sexual assault. *Journal of Interpersonal Violence*, 6(4), 433–447. <https://doi.org/10.1177/088626091006004004>

- Brady, J., Iwamoto, D. K., Grivel, M., Kaya, A., & Clinton, L. (2016). A systematic review of the salient role of feminine norms on substance use among women. *Addictive Behaviors*, *62*, 83–90. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2016.06.005>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, *11*(4), 589-597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, *38*(2), 217-230. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.2.217>
- Cavariani, M. B., Oliveira, J. B. de, Kerr-Corrêa, F., & Lima, M. C. P. (2012). Expectativas positivas com o uso de álcool e o beber se embriagando: Diferenças de gênero em estudo do Projeto GENACIS, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, *28*(7), 1394–1404. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000700017>
- Carvalho, M.C. (2016). *Ambientes recreativos nocturnos. As dimensões ambientais e os fenómenos do uso de substâncias psicoactivas, do risco e da proteção*. (Tese de doutoramento, FPCEUP). Repositório da universidade do porto. <https://hdl.handle.net/10216/102327>
- Chapleau, K. M., Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2008). Male rape myths: The role of gender, violence, and sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, *23*(5), 600-615. <https://doi.org/10.1177/0886260507313529>
- Conselho da Europa. (2011). Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica. Série de Tratados do Conselho da Europa, 210. <https://rm.coe.int/168046253d>
- Corcetti, A. P., Lopes, D. A., Luvizzotti, E. H., Lourenço, G. L., Ozello, J. C., & Ramos, K. N. (2021). Boa noite cinderela: um estudo sobre a toxicologia e análises forenses.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2018). *The SAGE handbook of qualitative research* (5ª ed.). SAGE Publications.
- Direção-Geral da Política de Justiça (2019). Dados estatísticos de violência doméstica e de género. Recuperado de <https://www.dgpj.mj.pt/sections/dgpj/estatisticas-vd-e-genero/estatisticas-vd-e-genero/dados-estatisticos-de/view>

- Duarte, L. F. (2018). Divisão sexual dos espaços: práticas e sociabilidades femininas e masculinas nas vilas operárias do sul de Santa Catarina (Brasil, 1930-1960). *Revista Nova História*, 11(1). <https://journals.openedition.org/nuevomundo/60227>
- Ellemers, N. (2018). Gender stereotypes. *Annual review of psychology*, 69, 275-298.
- European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (EMCDDA). (2022). *European Drug Report 2022: Trends and developments*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2810/195115>
- Emslie, C., & Hunt, K. (2009). 'Live to work' or 'work to live'? A qualitative study of gender and work-life balance among men and women in mid-life. *Gender, Work & Organization*, 16(1), 151-172. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2007.00385.x>
- Expósito, F., & Moya, M. (2011). Violencia de género. *Mente y cerebro*, 48(1), 20-25.
- Fontes, L. F. C., Conceição, O. C., & Machado, S. (2017). Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), 2919–2928. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11042017>
- Gavey, N. (2005). “Just sex?” *The cultural scaffolding of rape*. Routledge.
- George, W. H. (2019). Alcohol and sexual health behavior: “What we know and how we know it.” *Journal of Sex Research*, 56(4–5), 409–424. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1588213>
- Gibbs, G. (2007). *Analyzing qualitative data*. SAGE Publications.
- Glaw, X., Inder, K., Kable, A., & Hazelton, M. (2017). Visual Methodologies in Qualitative Research: Autophotography and Photo Elicitation Applied to Mental Health Research. *International Journal of Qualitative Methods*, 16(1). <https://doi.org/10.1177/1609406917748215>
- Governo de Portugal. (2023). *Relatório Anual de Segurança Interna 2022*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2022>
- Grazian, D. (2009, December). Urban Nightlife, Social Capital, and the Public Life of Cities. *Sociological Forum*, 24(4), 908-917. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd.

- Grubb, A. R., & Harrower, J. (2008). Attribution of Blame in Cases of Rape: An Analysis of Participant Gender, Type of Rape and Perceived Similarity to the Victim. *Aggression and Violent Behavior, 13*(5), 396-405. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.06.006>
- Hurtig, M.-C., & Pichevin, M.-F. (1986). *La différence des sexes*. Tierce.
- Kavanaugh, P. R. (2013). The continuum of sexual violence: Women's accounts of victimization in urban nightlife. *Feminist Criminology, 8*(1), 20-39. <https://doi.org/10.1177/1557085112442979>
- Kelly, J. F., & Hoepfner, B. B. (2013). A biaxial formulation of college alcoholism: Implications for etiology, prevention, and treatment. *Addictive Behaviors, 38*(4), 2215-2224. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2013.01.017>
- Kite, M. E., Deaux, K., & Haines, E. L. (2010). Gender stereotypes. In J. F. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick, & V. M. Esses (Eds.), *The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination* (pp. 205–230). Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446200919.n12>
- Krueger, R. A., & Casey, M. A. (2015). *Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research* (5th ed.). SAGE Publications.
- Kuntsche, E., Knibbe, R., Gmel, G., & Engels, R. (2017). Environmental factors and the relationship between social motivations and alcohol use among adolescents. *Journal of Youth and Adolescence, 46*(9), 1867-1878. <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0621-7>
- Livingston, J. A. (2011). Rape myth acceptance and sociodemographic characteristics: A multidimensional analysis. *Sex Roles, 65*(11–12), 783–792. <https://doi.org/10.1023/A:1025671021697>
- Loh, C., Gidycz, C. A., Lobo, T. R., & Luthra, R. (2005). A prospective analysis of sexual assault perpetration: Risk factors related to perpetrator characteristics. *Journal of Interpersonal Violence, 20*(10), 1325-1348. <https://doi.org/10.1177/0886260505277441>
- Manandhar, M., Hawkes, S., Buse, K., Nosrati, E., & Magar, V. (2018). Gender, health and the 2030 agenda for sustainable development. *Bulletin of the World Health Organization, 96*(9), 644-653.
- Martín del Campo-Navarro, A. S., Cervera-Vallejos, M. F., Medina, P., Álvarez-Aguirre, A., & Fuentes-Ocampo, L. (2024). Influence of masculinity and femininity on

- alcohol consumption in young people: A scoping review. *Aquichan*, 24(2), e2424. <https://doi.org/10.5294/aqui.2024.24.2.4>
- Mead, M. (1949). *Male and female: A study of the sexes in a changing world*. William Morrow.
- Mendonça, F. (2019). Consumo de álcool em ambientes recreativos noturnos: uma abordagem sobre os frequentadores de casas noturnas em Portugal (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus Groups as Qualitative Research*. SAGE Publications.
- Mutatayi, C., Morton, S., Robles Soto, N., Pálsdóttir, K. I., & Vale Pires, C. (2022). Implementing a gender approach in drug policies: Prevention, treatment, and criminal justice: A handbook for practitioners and decision makers. *Council of Europe*.
- Murray, C., Calderón, C., & Bahamondes, J. (2023). Modern rape myths: Justifying victim and perpetrator blame in sexual violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(3), 1663. <https://doi.org/10.3390/ijerph20031663>
- Naeem, M., Ozuem, W., Howell, K., & Ranfagni, S. (2023). A step-by-step process of thematic analysis to develop a conceptual model in qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, 22, 1–12. <https://doi.org/10.1177/16094069231205789>
- Nejadgholi, I., Fraser, K. C., Kerkhof, A., & Kiritchenko, S. (2024). Challenging negative gender stereotypes: A study on the effectiveness of automated counter-stereotypes. *arXiv Preprint*, arXiv:2404.11845. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2404.11845>
- Noctambul@s (2016). Informe 2014/2015. *Fundación Salud y Comunidad*.
- Nolen-Hoeksema, S. (2004). Gender differences in risk factors and consequences for alcohol use and problems. *Clinical Psychology Review*, 24(8), 981-1010. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.08.003>
- Nowell, L. S., Norris, J. M., White, D. E., & Moules, N. J. (2017). Thematic analysis: Striving to meet the trustworthiness criteria. *International Journal of Qualitative Methods*, 16(1), 1-13. <https://doi.org/10.1177/1609406917733847>
- Oakes, P. J., Haslam, S. A., & Turner, J. C. (1994). *Stereotyping and social reality*. Blackwell.
- Oakley, A. (1972). *Sex, gender and society*. Maurice Temple Smith Ltd., London.

- Paludo, S. S., & Schirò, E. D. B. (2013). Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 487-494. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300011>
- Pires, C., Pereira, R., Valente, H., & Moura, H. (2018). Violência sexual e consumo de substâncias psicoativas: podem os contextos festivos ser educativos?. *Ex aequo*, (37), 143-158. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2018.37.10>.
- Pires, C. V., Carvalho, M. C., & Carvalho, H. (2022). Certificação Sexism Free Night: da visibilização do assédio sexual à criação de um roteiro de lazer noturno mais seguro e igualitário no Porto. *Ex Aequo*, (45), 177-194. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.12>
- Pires, C. (2024). Sexual terrorism in the post-pandemic nightlife? A feminist critical discourse analysis of the needle spiking media coverage. *Crime, Media, Culture*, 20(1), 1–18. <https://doi.org/10.1177/17416590241302704>
- Plaza, L., Ferrer, R., & Vale Pires, C. (2022). *Sexism Free Night – Research report*. Sexism Free Night European Project. Disponível em <https://www.sexismfreenight.eu>
- Prentice, D. A., & Miller, D. T. (2006). Essentializing differences between women and men. *Psychological Science*, 17(2), 129–135. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2006.01675.x>
- World Health Organization. (2021). *Global status report on alcohol and health 2021*. World Health Organization. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240035906>
- Ritchie, J., Lewis, J., Nicholls, C. M., & Ormston, R. (2013). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers* (2nd ed.). SAGE Publications.
- Roller, M. R., & Lavrakas, P. J. (2015). *Applied qualitative research design: A total quality framework approach*. Guilford Publications.
- Sexism Free Night. (2022). *Sexism Free Night: European Report*. Recuperado de <https://sexismfreenight.eu/research/>
- Schmidt R. et al. (2018). *New terrain: tools to integrate trauma and gender informed responses into substance use practice and policy*, Centre of Excellence for Women's Health, Vancouver, BC.

- Schwartz, M. D., & Gregory, J. (2000). Policing Sexual Assault. *Contemporary Sociology*, 29(4).
- Silva, A. T., & Araújo, M. F. (2019). *Relações de gênero, poder e violência contra as mulheres*. *Revista Mexicana de Sociologia*, 81(2), 331-357. <https://doi.org/10.22201/iis.01882503p.2019.2.57118>
- Silva, P. C. de O., Souza, C. de M., & Peres, S. O. (2021). Uso de drogas sob a perspectiva de gênero: Uma análise das histórias de vida de jovens das camadas médias no Rio de Janeiro. *Saúde e Sociedade*, 30(3), e200665. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200665>
- Souza, É. R., & Fonseca, A. L. (2021). Violência de gênero no Brasil: uma análise a partir dos marcadores sociais das diferenças. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 31(2), e310214. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310214>
- Takitane, J., Pimenta, D., Fukushima, F., Fonte, V., & Leyton, V. (2017). Aspectos médico-legais das substâncias utilizadas como facilitadoras de crime. *Saúde, Ética & Justiça*, 22(2), 66-71. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v22i2p66-71>
- Testa, M., Livingston, J. A., & Collins, R. L. (2000). The role of women's alcohol consumption in the evaluation of vulnerability to sexual aggression. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 8(2), 185–191. <https://doi.org/10.1037/1064-1297.8.2.185>
- Tracy, S. J. (2010). Qualitative quality: Eight “big-tent” criteria for excellent qualitative research. *Qualitative Inquiry*, 16(10), 837-851. <https://doi.org/10.1177/1077800410383121>
- Ventura, I. (2015). *Medusa no Palácio da Justiça ou Uma História da Violação Sexual*. Tinta-da-China.

ANEXOS

Anexo A

Caracterização demográfica dos grupos de discussão e Descrição Do Sistema de Categorias

Tabela 1.

Caracterização demográfica dos grupos de discussão

Grupo	Género e identidade de género	Nº de participantes	Idade	Nacionalidade
Focus group mulheres cis (FGM)	Femenino cis	5	18-25	Portuguesa
Entrevista Coletiva Homens cis (EC-H)	Masculino cis	5	18-25	Portuguesa

Tabela 2.

Descrição Do Sistema de Categorias

Categoria	Descrição/Análise (FGM)	Exemplo de citação	Descrição/Análise (EC-H)	Exemplo de citação
Mitos das drogas para a violação	As mulheres discutem a relação entre o álcool e a violação, considerando o álcool como um fator chave, tanto para a agressividade dos agressores quanto para a vulnerabilidade das vítimas. O consumo de substâncias como o álcool e a droga conhecida como “boa noite Cinderela” é visto como algo que pode desorientar e	“Eu acho que é mais pelo álcool, de beber demasiado álcool, ficam agressivos e...”(FGM(1)); “Eu imagino a mulher (...) ser a tal cena da mulher beber e às vezes até está inconsciente..” (FGM(1)); “Ouviam-se essas notícias que tinham sido violadas e drogadas” (FGM(5)).	Nos discursos dos homens, existe uma minimização do impacto de adulterar bebidas, tratando a situação como algo comum e, em alguns casos, trivializando o ato. Os homens reconhecem que as substâncias como o GHB e “roofies” são usadas para facilitar a violação, mas discutem a incerteza sobre o que realmente aconteceu, pois,	“Sim, acontece relativamente e bastante” (EC-H(1)1); “Foi só uma situação de, tipo, susto” (EC-H(1)1); “Para a pessoa entrar em coma e poderem-se aproveitar sexualmente dela”(EC-H(2)1); “Acho que isso não é tão... normalizado como, por exemplo, na América”

	incapacitar a vítima.		as vítimas não se lembram do ocorrido.	(EC-H(1)2); “Conheço pessoas que foram drogadas assim” (EC-H(2)2).
Motivações para o consumo de substâncias para o consumo de álcool ou outras drogas em ALN	As mulheres discutem as motivações e pressões sociais que as levam ao consumo de álcool em ambientes noturnos, incluindo o desejo de se socializar e de se divertir, mas também o reconhecimento dos riscos associados ao consumo excessivo. Elas refletem sobre a necessidade de autocontrole e precauções para evitar situações de risco, especialmente em relação à violência sexual.	“Eu sou bué cuidadosa do tipo, eu sei que se comer menos não posso beber tanto...” (FGM(1)); “Acho que há muitas coisas que as mulheres começam a sair... a primeira coisa que as mães dizem é logo <cuidado com as bebidas>” (FGM(4)).	Os homens, por outro lado, discutem o consumo de álcool como parte de uma socialização masculina, onde a “diversão” e a busca por experiências intensas são motivadores principais. Também falam sobre as precauções tomadas, como as tampas protetoras nas bebidas, mas há uma tendência a minimizar os riscos e focar nas responsabilidades das mulheres.	“Tenho amigas que vão sair à noite, bebem a noite toda e não pagam uma bebida” (EC-H(2)2); “Sim, é isso. Eu acho que é algo relativamente comum. Acho que não é algo que a maioria dos homens fazem”(EC-H(1)2).
Mulheres, álcool e disponibilidade percebida	As mulheres mencionam como se sentem socialmente obrigadas a beber em ALN, mas também a necessidade de protegerem a sua segurança devido ao risco de agressões,	“Eu sou bué cuidadosa do tipo, eu sei que se comer menos não posso beber tanto...” (FGM(1)); “Nunca deixes o copo em lado	Embora os homens reconheçam os riscos associados ao consumo excessivo de álcool, há uma tendência a minimizar a responsabilidade masculina na violação,	“Foi só uma situação de tipo, susto” (EC-H(2)1); “Então é uma coisa que não sabem, de facto, se aconteceu ou não” (EC-H(2)1).

	principalmente por causa da percepção de que o álcool as torna vulneráveis,	nenhum” (FGM(1)).	colocando a culpa nas vítimas que consomem álcool em excesso ou aceitam bebidas de estranhos. Isso reforça a ideia de que as mulheres têm o controle sobre as suas próprias vítimas, enquanto os homens são vistos como vítimas das circunstâncias.	
Socialização para a prevenção da droga da violação em ALN	As mulheres compartilham como são socializadas desde jovens a se protegerem de situações de risco. Com conselhos sobre como não deixar as bebidas desacompanhadas e sobre manter vigilância constante. Há um reconhecimento de que os homens não compartilham as mesmas preocupações e que as mulheres são as únicas responsáveis pela sua segurança.	“Acho que há muitas coisas que as mulheres quando começam a sair... a primeira coisa que as mães dizem é logo <cuidado com as bebidas>” (FGM(4)); “Nunca deixes o copo em lado nenhum” (FGM(1)).	Os homens reconhecem a necessidade de precaução, como o uso de tampas protetoras nas bebidas, mas minimizam o impacto da adulteração das bebidas e da vulnerabilidade das vítimas. Eles parecem ver a situação de forma mais casual, tratando o ato de adulterar bebidas como algo “relativamente comum” e não assumindo uma responsabilidade plena sobre o risco que isso representa para as mulheres.	“Aqueles coisinhos de tapar a bebida” (EC-H(1)1); “Sim, acontece relativamente e bastante” (EC-H(1)2).